

Equipamento de radioterapia do Hospital Universitário continua encaixotado na UnB e só poderá ser utilizado no ano que vem

Gustavo Moreno/Especial para o CB-14/2/07



CENTRO DE ALTA COMPLEXIDADE EM ONCOLOGIA DO HUB: EDITAL PARA CONCLUIR AS OBRAS FOI LANÇADO. ATÉ LÁ, APARELHOS CONTINUARÃO GUARDADOS

Longa espera no HUB

HELENA MADER

DA EQUIPE DO CORREIO

O acelerador linear que está quebrado no Hospital de Base é o único à disposição dos pacientes da rede pública do Distrito Federal. Mas outro equipamento similar, que poderia atender os doentes com câncer, continua encaixotado no Hospital Universitário de Brasília (HUB), na UnB. O aparelho deveria ser instalado no Centro de Alta Complexidade em Oncologia (Cacon) da instituição, mas as obras do centro foram suspensas em janeiro do ano passado. Apesar das reclamações de pacientes, promotores e médicos, que exigiam a instalação da máquina em outra unidade de saúde, o acelerador linear continuará guardado em uma sala climatizada até a conclusão do novo

prédio. No último dia 16, a Universidade de Brasília lançou licitação para retomar as obras do Cacon. A instituição quer concluir a edificação e colocar o aparelho em funcionamento até o ano que vem.

A cada vez que há problemas no setor de radioterapia do Hospital de Base e os pacientes ficam sem tratamento, aumenta a revolta com a falta de uso dos aparelhos que permanecessem guardados no HUB. O mastologista José Antônio Ribeiro Filho, que já enfrentou um tratamento contra o câncer e trata centenas de pacientes com a doença, lembra que muitas pessoas precisam mudar o esquema de tratamento para contornar a falta de radioterapia. "Os maiores transtornos são para os pacientes que não podem pagar pelo tratamento e precisam fazer a quimioterapia enquanto esperam pela radiote-

rapia. Isso é maldade, uma grande falta de sensibilidade", reclama o médico.

A presidente do Movimento de Apoio aos Pacientes com Câncer, Lilian Muller, conta que a cada vez que o aparelho do Hospital de Base apresenta defeitos, os pacientes ficam desesperados com a possibilidade de fazer tratamento fora da cidade, longe de casa e da família. "Muita gente liga para ter informações. Todos contam que sair de Brasília é sempre uma opção ruim, mas têm medo de ficar sem tratamento. O ideal é que houvesse outros equipamentos à disposição da rede pública", explica Lilian Muller.

Além do acelerador linear, usado na radioterapia, há outros 17 equipamentos de tratamento de câncer guardados na UnB. Um deles, o sistema de braquiterapia de alta dose, não está disponível em Brasília. O aparelho equivalente instalado no Hospital de Base é usado para o tratar câncer do colo de útero. As mulheres precisam ficar expostas à radiação durante 30 horas, com um equipamento introduzido na vagina e sem ter contato com ninguém. "Se a máquina guardada na UnB fosse usada, esse mesmo tratamento poderia ser feito em meia hora", conta o médico José Antônio Ribeiro Filho, que é ex-presidente da Sociedade Brasileira de Mastologia.

MEMÓRIA

18 de março de 2007

Técnicos da multinacional alemã Siemens vem ao Hospital de Base consertar o único acelerador linear da rede pública, responsável pelo atendimento de 84 pacientes por dia. Era a segunda vez que o aparelho, comprado por R\$ 1,6 milhão, quebrava em menos de três semanas. A perícia detectou que "o defeito foi provocado por ataque de roedores (ratos) à fiação do equipamento".

19 de março de 2007

Reportagem do Correio denuncia que além de ratos, goteiras, aparelhos quebrados ou sobreacarregados e filas para atendimento, os pacientes com câncer que dependem de tratamento na rede pública do DF sofrem também com a burocracia. Em julho, completam 34 meses que os 18 equipamentos de radioterapia encaixotados num galpão do Hospital Universitário de Brasília, alguns deles idênticos aos que estão quebrados no HBD, aguardam utilização.

8 de julho de 2007

Com base no contrato que determina a instalação dos equipamentos de radioterapia encaixotados no HUB num prazo de 6 meses a partir do momento da compra, o Tribunal de Contas da União (TCU) começa a analisar uma ação para destinar as máquinas ao tratamento de pacientes com câncer em outros hospitais do DF. Entre as máquinas, que custaram R\$ 2,6 milhões, estão um acelerador linear e o moderno sistema de braquiterapia de alta dose usado no combate ao câncer de colo de útero, que nenhum hospital do DF possui.

13 de julho de 2007

Acordo fechado entre a Universidade de Brasília (UnB), o Ministério da Saúde e os ministérios públicos Federal (MPF) e do Distrito Federal (MPDF), a Secretaria de Saúde do DF e o Instituto Nacional do Câncer garante a permanência temporária das 18 máquinas na UnB por "razões técnicas".